

**PROXIMIDADES E DISTANCIAMENTOS: ACERCA DE ERNESTO “CHE” GUEVARA E AS
IDEOLOGIAS (1959 a 1967)**

Adenisia Alves de Freitas 1

Trabalhar no sentido de se aperfeiçoar internamente, de aumentar os conhecimentos, de aumentar a compreensão no mundo que nos rodeias, de indagar, investigar e conhecer bem o porquê das coisas.

Ernesto Guevara

RESUMO: Esse tem como proposta estudar alguns textos de Ernesto Guevara, com evidência aos movimentos revolucionários e o processo de estruturação do socialismo em Cuba a partir das colocações de Guevara, em relação a criação e perpetuação de blocos guerrilheiros por outros países a exemplo da revolução cubana. No entanto estes fatores não devem ser considerados isoladamente, pois encontram-se as perspectivas ideológicas, que podem ser compreendidas como forma de controle em que uma força é exercida sobre outra e busca legitimar-se. Assim os escritos de Guevara aparecem como reflexo da ideologia da revolução cubana em defesa do socialismo ao anticapitalismo, além de deixar explícito algumas de suas inquietações que frutificaram nas ações revolucionárias. Sendo formulados com o intuito de atingir determinado(s) objetivo(s) de realizar rupturas que era infligidas na realidade em que fundamenta também suas justificativas acerca das ações realizadas e das que idealizou. Assim podemos compreender que Guevara estimulava à ação e seus escritos foi um desses mecanismos de reprodução. Desse modo devemos questionar como a realidade cubana era compreendida por Guevara, e mais, como se exercia o domínio ideológico.

PALAVRAS-CHAVE: Ernesto Guevara. História. Ideologia.

1.1 — Uma história relacionada a Revolução

No mundo atual Cuba é o único país das Américas que foi declarado e permanece como um governo considerado socialista. Existem os que questionam até que ponto, o que se evidencia são apenas previsões fundamentadas em possibilidades, as quais dialogam com escolhas semeadas a partir de atitudes que ocorreram no passado. Que repercutem no tempo,

1 Graduanda do 4º ano do curso de Licenciatura em História da Universidade Estadual de Goiás, Unidade Universitária de Jussara. Artigo apresentado para comunicação do IV Simpósio Regional de História.

através das rupturas e das permanências que podem ser compreendidas em suas especificidades como Cuba em 1958, considerado um país de estruturas capitalista, mas ocorreram alterações em 1959, com a vitória dos guerrilheiros o que forçou a mudança de governo, logo a alteração das estruturas, apesar de que não ocorreu apenas nesse âmbito.

Contudo essa passagem foi consolidada publicamente em 1961, com o discurso de Fidel Castro ao afirmar que Cuba vivenciava um sistema político e econômico socialista, sendo consequência da Revolução Cubana com êxito em 1959 sobre o governo de Fulgencio Batista como descreve Emir Sader (1992, p. 140). No caso de Ernesto Guevara o intuito era expandir a revolução por outras localidades, como ocorreu no continente africano através da tentativa realizada no Congo, almejando também à Ásia, conforme escreveu em *Mensagem ao Tricontinental* (1967). Incluindo a frustrante ação guerrilheira na Bolívia.

Dessa forma os desígnios dos homens ou dos grupos na história não podem ser entendidos de modo ocasional, desvinculado das intencionalidades, mas das ações que são provenientes de escolhas com questões previamente racionalizadas que visam a realização de determinadas ações, cujas causas emitem reflexos na esfera social e mais do que isso modificam as estruturas juntamente com as microestruturas, como a Revolução Cubana propiciou em Cuba. Permitindo compreender questões que estão além do campo político, social ou questões econômicas, visto que os homens estão sujeitos as transformações ao enraizamento de concepções, ou mesmo aos sentirem diferentes sentimentalismos, em que os agentes históricos como Ernesto Guevara não estiveram imunes.

Mas essas percepções não são visíveis aos nossos olhos, são possíveis de serem apreendidas através dos escritos que no passado foram discursos, pronunciados em Congressos, Conferências, Palestras, Universidades e inaugurações. Entre os anos de 1959 a 1965 foram os de maior participação de Guevara na política. Por tratar-se da vitória do movimento guerrilheiro em 1959, permitindo que

assumisse cargos no governo de Cuba como presidente do Banco Nacional cubano, dirigiu o INRA (Instituto Nacional de Reforma Agrária) e em 1961 se tornou Ministro da Indústria.

Em 1965 esteve no Congo com a intenção de fortalecer a ação guerrilheira já existente, mas a ação desencadeou uma tentativa frustrada que não obteve o êxito esperado. Por intermédio de Jorge Castañeda, é possível apreender a insatisfação de Ernesto Guevara acerca da guerrilha congoleza que não foi desfragmentada por um único motivo:

“É foda fazer algo na África; as pessoas são tão diferentes, é tudo tão diferente [...]”. Começou a explicar que os africanos ainda não possuíam um espírito nacionalista, porque cada tribo tinha seu chefe, seu pedacinho de terra e sua nação, embora vivessem no mesmo país. E arrematou: “É muito difícil, mas há possibilidade de fazê-los sentir a revolução [...]” (CASTAÑEDA, 1997, p. 341).

Uma das causas para se retirar do Congo foi justificada pela, conforme Guevara, condições desfavoráveis para desenvolver com êxito no devido momento a guerrilha. Visto que um dos motivos se constitui a partir da realidade vivida pelos congolezes, culturalmente diferente da vivenciada por Guevara entre os povos da América Latina. Assim o que encontrou no Congo não se igualava as experiências anteriores, em que os conflitos entre as tribos prejudicavam a existência de um sentimento nacionalista que pudesse levar a unificação dos congolezes para uma luta única que colocasse aparte as disparidades. Conforme destacou em *Ché pasajes de la lucha revolucionaria en el Congo*: Los campesinos están agrupados en distintas etnias, de las hay una gran variedad en la zona, las relaciones entre ellas suelen ser cordiales, pero nunca son de una hermandad absoluta y entre algunos grupos hay rivalidades serias (GUEVARA, p. 3, 1999).

A guerrilha instaurada no Congo já existia, a participação de Guevara deveria colaborar para seu desenvolvimento. Se diferenciando das duas primeiras guerrilhas a terceira foi articulada em território boliviano, formulada a partir da pretensão de instituir um foco guerrilheiro na América do Sul, inexistente até o momento, mas com intuito de tornar a “guerrilha mãe” à que daria origem para outros focos guerrilheiros. A guerrilha na Bolívia obteve algumas conquistas sobre o exército nacional entre os anos de 1966 e 1967. No entanto não conseguiu obter êxito maior que impedisse a derrota, no caso de Guevara que fosse preso e depois executado como descreveu seu biógrafo, Castañeda.

Podemos compreender que a guerrilha em Ernesto Guevara está além do que simplesmente considerar se as guerrilhas que participou obtiveram ou não o êxito desejado. Mas existe um contexto que envolve e que não se articula apenas a partir das mudanças. Como analisou Hannah Arendt acerca da Revolução que relacionado com as perspectivas abordadas é considerável evidenciarmos que existam outros elementos para que o “projeto de revolução” alcance as metas propostas, que não se findava com a intenção de vencer a força opositora, mas que exista o “interesse” que no caso das ações revolucionárias que Guevara participou pode ser entendido como a união dos homens por determinada causa, em que os combatentes se dedicam à ação revolucionária em prol de um interesse comum, ou do que os líderes buscavam tornar o objetivo social.

Mas a ação guerrilheira não foi realizada de forma pacífica, pois a via utilizada apoiava-se nas armas para a tomada do poder governamental de Cuba. A força utilizada contra o exército tornava indispensável para vencê-lo como acreditava Ernesto Guevara ser relevante o otimismo do guerrilheiro, capaz de crer que é possível alcançar a vitória em cada batalha. Mas vencer um combate está além do fato de sobrepor o inimigo através das armadas, com estratégias ou com a força de vontade, pois há algo maior que é almejado, o poder, seja para mantê-lo ou para adquiri-lo. Guevara cria a expectativa de revolução como um dos caminhos para alteração da realidade.

Mas a vitória não deveria favorecer unicamente os combatentes, pois se transformaria um dos mecanismos de estimulação, para que outros integrassem no movimento, já que “consegue-se uma ação vitoriosa e sua fama cresce, atraindo para suas fileiras camponeses desapropriados ou em lutar para conservar suas terras [...]” (GUEVARA, p.89, 1961), como assinala em *A Guerra de Guerrilha*. Assim a êxito sobre o exército nacional não instigava apenas os guerrilheiros, mas serviria de incentivo “provando” aos demais que seria possível sobrepor o governo instituído, logo poderia despertar uma aceitação em que a questão se fundamentava entre a realidade vivência e as propostas revolucionárias de alterá-la.

No entanto, qual o objetivo das revoluções? Conforme Hannah Arendt as revoluções que surgiram ao longo da história tem um caráter semelhante, quando se trata de justificar as ações pela busca da Liberdade. Considerado os critérios apontados por essa pensadora as perspectivas de revolução que apresenta Guevara identifica-se fatores em a liberdade se tornava uma das promessas da revolução a partir do que denomina de “guerra de libertação”. Pois para existir uma revolução é preciso inicialmente criar condições e justificar sua necessidade e apresentar quem ou qual seriam as forças contrárias, logo o que deveria ser derrotado.

2.1 – O marxismo e os ideais de Guevara

Os escritos de Guevara não foram formulados sem pretensões, no entanto também não os consideramos como reflexo único do que vivenciou, do que realizou críticas ou dos fatores que defendia, seja estendido ao socialismo ou ao homem novo. Mas é consequência de perspectivas teóricas que foram adquiridas e defendidas. Concordando que “sin teoría revolucionaria, no hay movimiento revolucionário” (GUEVARA, 1960, p. 113) como defendeu em *Notas para el estudio de la ideología de la Revolución Cubana*. Assim destaca que uma ação revolucionária é proveniente de uma teoria que antecede o comportamento. Mas que teorias seriam essas? Seus escritos levam a crer que o marxismo seria a via ideológica para despertar a consciência, diante dessas considerações destacou que:

Nuestra posición cuando se nos pregunta si somos marxistas o no, es la que tendría un físico al que se le preguntara si es «newtoniano», o un biólogo se es «pasteuriano». Hay verdades tan evidentes, tan incorporadas al conocimiento de los pueblos que ya es inútil discutir las. Se debe ser «marxista» con la misma naturalidad con que se es «newtoniano» en física, o «pasteuriano» en biología (GUEVARA, p. 2, 1960).

O marxismo para Guevara não era uma teoria apenas para ser vivida, mas para ser colocada na linha de frente nos objetivos do governo cubano, ou mesmo, para ser praticado e perpetuado como acreditava ao escrever *Mensaje del Che Guevara a los pueblos del mundo a través de la Tricontinental* em 1967. Contudo o marxismo que Guevara defendia não se petrificou no caráter ortodoxo, que é entendido como fidelidade total as propostas de Marx e Engels, ao contrário, admirava o pensamento de Marx e considerava que “es decir, y es bueno puntualizarlo una vez más, las leyes del marxismo están presentes em los acontecimientos de la Revolución cubana [...] (GUEVARA, p. 2, 1960).

O que nos leva a analisar as perspectivas ideológicas, entendendo que ideologia esta associado a poder, no caso de uma revolução como a cubana refere-se as mudanças de estrutura, visto que a proposta que vislumbrava Guevara era romper com o sistema anteriores (capitalista) com o avanço destas condições para o campo social, pois nesse caso não é só uma alteração de governos e

uma proposta que foi cravada com a declaração de Fidel Castro em 1961 em que foi “declarado o caráter socialista da revolução cubana” (SADER, p. 140, 1992). Apesar de que os líderes cubanos estavam em um processo de consolidação do socialismo para deixar definitivamente os ranços do capitalismo como ressaltou Guevara em *A Planificação Centralizada* (1964). O ponto central das discussões se fundamentou na forma que seria desenvolvida o sistema econômico socialista, uma vez que declarado que a revolução era socialista não caberia ao governo que mantivesse o capitalismo como força econômica ou como articulador das relações sociais, pois “estamos construindo o socialismo, liquidando a exploração do homem pelo homem” (GUEVARA, p. 175, 1964).

No entanto quem era os controladores da economia socialista? A resposta remete ao Estado, logo aos seus representantes que interferiam diretamente no meio social, Guevara era um dos membros. Considerando (através de seus escritos) que o trabalho era o fator norteador, mas que não altera individualmente e definitivamente a estrutura econômica para vigorar plenamente o socialismo, sendo necessário o controle da produção, estímulo moral e material, revestimento da renda para o orçamento nacional, criar um sistema de contabilidade, lei do valor e outros fatores que são pensados na economia socialista de Cuba.

Seus ideais pode ser entendido através de duas questões que levam para uma perspectiva fundamental do pensamento de Guevara, como considerou ser o socialismo. Mas é preciso considerar inicialmente a guerrilha, enquanto a via que desencadearia a revolução para em seguida instituir a construção do socialismo. No entanto a guerrilha, como esclareceu Guevara, não repercutiria isoladamente sendo significativo a participação popular em destaque o camponês, conforme escreveu em *Guerra y población campesina* (1959). Nesse da ênfase ao camponês que busca sobreviver ao domínio do latifundiário e encontra na guerrilha uma possibilidade de romper com a relação de disparidade que se encontra.

Portanto a guerrilha estabelecia uma relação de “reciprocidade” em que o camponês e o guerrilheiro utilizavam da união para se oporem ao governo instituído, logo entendia Guevara uma oposição ao poder capitalista, cuja mudança no meio rural surgiria com a distribuição de terras para os que precisavam. Com fortalecimento dos focos guerrilheiro e o apoio da população campesina que conhecia o terreno, os combatentes obteriam vantagens preciosas para se impor sobre o exército inimigo, para derrubada do governo capitalista e sobreposição do socialismo, em que “esa es nuestra tarea futura: hacer retornar al pueblo de Cuba el concepto de su propia fuerza, de la seguridad absoluta em que su derechos individuales, respaldados por la Constitución, son su mayor tesoro [...]” (GUEVARA, p. 97, 1959). Isso seria o início da revolução um caminho aberto para implementação do

socialismo em que o futuro reservava o comunismo no florescimento do “homem novo” e consciente para a “sociedade nova” que tanto defendia Ernesto Guevara.

2.1 – Domínio ideológico e continuidade da revolução

A realidade para Guevara era evidenciada como um espaço de conflitos e de diferenças o modo de alterá-la para romper definitivamente com as condições anteriores (o passado) era evidenciado por meio do movimento revolucionário que dispunha das armas como mecanismo de libertação. No entanto a vitória que desencadeava o exército rebelde marcava o início das mudanças, mas para que a revolução existisse de fato Guevara sabia que deveria ocorrer o “processo de continuidade” e o defendia. Acerca disso “de hecho, hay que separaren la Revolución cubana dos etapas absolutamente diferentes: la de la acción armada hasta el primero de enero de 1959; la transformación política, económica y social de ahí en adelante” (GUEVARA, p. 114, 1960). Assim a guerrilha era uma das etapas, desenvolvida inicialmente, mas que as transformações em seguida não tornaram-na como elemento central.

Contudo sabia Guevara que articular uma guerrilha era também estabelecer a ordem entre os combatentes exigindo mecanismos de controle. Como um discurso bem formulado que deixasse definido com clareza quais as condutas que deveriam ser obedecidas, conforme abordou em *¿Qué es un «guerrillero?»*, ao escrever que “el guerrillero es, además de un soldado disciplinado, un soldado muy ágil, física y mentalmente” (GUEVARA, p. 2, 1959), características que agregava ao guerrilheiro, que podem ser pensadas a partir de duas perspectiva considerando que deveria ser ágil e capaz de desviar das armadilhas além de ser um observador social. Desse modo aproximava a capacidade de raciocínio com a práxis o que perpassa por um controle moral. Entretanto a “administração política” e dos demais setores que atuou exigiu de Guevara um amadurecer para lidar com as circunstâncias fora da liderança da coluna guerrilheira.

Mas antes de aprofundar nas questões ideológicas que foram gesta com a revolução cubana e alimentada através das perspectivas defendidas por Guevara. Devemos compreender o que caracteriza ideologia. Acerca disso podemos considerar que não se trata de uma criação imaginária desprovida de fundamentação, mas atua no meio social ou no particular da vida dos homens, seja em uma relação “pacífica” ou conflituosa não se encontrar apenas nas instituições ou na política.

Ideologia pode estar presente de modo simbólico, pode ser alterada ou mantida, ou mesmo, “justificada” além de coexistir nas relações culturais. Considerando que pode ser uma forma de controle presente entre os líderes das colunas no caso de Ernesto Guevara fundamentando-se na relação com os demais membros a partir da hierarquia entre os guerrilheiros que diferenciava os líderes dos demais combatentes. Portanto ideologia não se define com um termo ou se restringe em uma perspectiva, já que pode estar presente de modo contínuo ou pode ser apreendida como “ideologia da nobreza, a ideologia política, guerrilheira, dominadora, e a ideologia dos industriais, pacífica, positiva” e outras (ANSART, p. 53, 1974). Por conseguinte é possível de perpetuar por diferentes âmbitos tendo como ponto de partida o estudo das ideologias.

Considerando o controle do partido e seu monopólio, os mecanismos de divulgação das ideias defendidas, a utilização da força ou a busca pela aceitação, a criação dos mecanismos de conduta e os representantes políticos. Perspectivas que são esboçadas nos textos de Guevara, ao tempo que as portas estão abertas para analisarmos os sentimentos que instigava a partir dos discursos efervescentes. O que nos aproxima de Pierre Ansart quando discute história, memória e ressentimento. Os ressentimentos são referentes aos sentimentos de oposição, que agrega o ódio ou desejo de sobrepor o outro, cria inimigos em que a memória pode resguardá-los.

Observando as pontuações de Ernesto Guevara (1961) não é distante a considerações de discordância da política “estadunidense”, compreendendo-a que almejava prevalecer sobre os demais povos e expandir-se, adentrando assim no rol dos países imperialistas que mutilava o desenvolvimento nos países latino e fomentava a existência de países subdesenvolvidos. Contra o domínio dos Estados Unidos escreveu que:

[...] batalla decidida casi completamente a favor de los monopolios norteamericanos después de la segunda guerra mundial. De ahí en adelante el imperio se ha dedicado a perfeccionar su posesión colonial y a estructurar lo mejor posible todo un andamiaje para evitar que penetren los viejos o nuevos competidores de otros países imperialistas. Todo esto da por resultado una economía monstruosamente distorsionada, que ha sido descrita por los economistas pudorosos del régimen imperial con una frase inocua, demostrativa de la profunda piedad que nos tienen a nosotros, los seres inferiores (GUEVARA, 1961, p. 4).

Assim discorda Guevara das boas intenções que possuiriam os estadunidenses acerca do auxílio dos povos “latinos”. Tendo que evidenciava nessas pretensões (1961) esboçada em Cuba: *¿excepción histórica o vanguardia em la lucha contra el colonialismo?*. Levando a uma incompatibilidade com o imperialismo da USA (Estados Unidos da América), assim como as formas de domínio que exercia. Direcionando a interferência norte-americana a responsabilidade, por semear a desigualdade que prejudicava ou mesmo mutilava o desenvolvimento dos países latinos.

Contudo é questionável o direcionamento das responsabilidades aos Estados Unidos, cujas misérias existentes na América Latina teriam como causa principal sua política de intervenção. Mas quando parece procurar os responsáveis desconsiderando ou não tomando como elemento primordial a participação política de cada país em seu território. Outro mau do imperialismo considerado eram as empresas multinacionais com as indústrias, responsáveis pela exploração da mão-de-obra, conforme considerava “a United Fruit Company que, como todos sabem, está diretamente relacionada com o departamento de Estado dos Estados Unidos” (GUEVARA, 1960, 122), insatisfação que expõe no discurso realizado em 18 de 1960: *A classe operária e a industrialização em Cuba*².

Ao identificar os “causadores” dos problemas existentes frisava os mecanismos para desvincular e expunha suas justificativas, acreditando que “para construir El comunismo, simultaneamente com la base material hay que hacer al hombre nuevo” (GUEVARA, p. 3, 1965.), escrito em *El Socialismo y El hombre en Cuba*, formulado para o seminário *Marcha de Montevideú* no Uruguai. Assim, o homem novo está encarnado na idéia de implementação do comunismo em Cuba e o desenvolvimento da nação, compatibilizando os princípios marxistas com a valorização do trabalho, como forma de desarraigar das forças de controle dos Estados Unidos e principalmente instaurar definitivamente o socialismo.

Para isso apontava os caminhos, defendia seus ideais e procurava converter mais agentes, além, de declarar quem eram as ameaças. Dessa maneira, acreditava Ernesto Guevara na real possibilidade de vigoração do socialismo, que era semeado no otimismo, embora, alegasse que “el camino es largo y lleno de dificultades” (GUEVARA, 1965, p. 5). Por essa concepção, o guerrilheiro é movido pelo sentimento que dentre os aspectos inclui o ódio e a compaixão, a partir do que analisou Löwy:

É talvez por isso que insiste tanto na necessária qualidade dos sentimentos humanos: “permitam-me dizer, com o risco de parecer ridículo, que o verdadeiro revolucionário autêntico é guiado por grandes sentimentos de generosidade, é impossível imaginar um

revolucionário autêntico sem essa qualidade” [GUEVARA]. Fala até do dever “de idealizar esse amor pelos povos”. Entretanto, isso não o impede de evocar o “ódio como fator de luta; o ódio intransigente pelo inimigo, que impele além dos limites naturais do ser humano e faz dele um eficaz, violenta, seletiva e fria máquina de matar” (LÖWY, 2009, p. 40).

Na argumentações de Michael Löwy a defesa do sentimento de generosidade em Che, ao tempo que instiga a existência do ódio, como promovedor da luta revolucionária, vindo a ser a

2 Conforme a tradução de Olinto Beckerman da edição de 2009.

face da contradição, a partir do homem guiado pela compaixão aos demais, mas não desconsidera a necessidade do ódio direcionado ao inimigo ou aos grupos de perpetuação da condições capitalistas, cuja situação é revertida quando o combate guerrilheiro exige o sacrifício da forças ou da vida, se necessário fosse para a vitória. Como podemos considerar a partir de Guevara como a capacidade de doação.

Ernesto Guevara convocava a juventude, mas essa não era considerada um juventude “comum”, pois a definia como comunista em que as ações do “joven comunista debe proponerse ser siempre el primero en todo, luchar por ser el primero, y sentirse molesto cuando em algo ocupa outro lugar, luchar por mejorar, por ser el primero” (GUEVARA, p. 3, 1962), escrito em *¿Que debe ser un joven comunista?*. Concepção de Che, ditando como deveria agir os jovens comunista na sociedade e diante dos problemas, para permanência de Cuba na condição socialista, que havia iniciado a vanguarda revolucionária. Mas não é lutar simplesmente para ser o melhor é também, um estímulo para despertar a indignação com as atrocidades contra o homem. No processo de reversão deveria sentir-se provocado e tornar a causa do outro a sua causa. O que demonstra a passagem de um sentimento de inconformidade para ação, cuja causa principal é não permanecer estagnado perante as indignações.

O chamado de Che Guevara é estendido para outros países, com intuito de semear os ideais revolucionários por outros espaços, cujo ponto culminante teria se iniciado com a revolução cubana, considerada exemplo, que demonstrando a possibilidade e implementação real de perspectivas socialistas. Dessa forma, os escritos de Che Guevara nos vem além dessas considerações, como uma das conseqüências do que foi realizado por homens do

passado e que estão no “tempo presente”, através de Raúl e Fidel Castro. Mas que deixa evidenciar uma apego aos acontecimentos anteriores, fazendo com que caminhe ao longo do tempo com os olhos voltados em direção ao passado. Isso no sentido da permanência do caráter socialista³.

Para Guevara o passado seria a lembrança de uma sociedade capitalista, e agrega suas expectativas ao futuro, parecendo por um instante negar as condições anteriores, pois se tratar de uma distinção do que propunha com os “ranços do passado”, com estigma capitalista. Consequência do que vivia os cubanos até o êxito do “exército rebelde” sobre o governo instituído, no entanto seus ideais se ampliaram, tendo a pretensão de propagar a revolução.

3 Embora devemos pontuar que a política que Cuba vivência atualmente merece uma análise mais ampliada, pois relaciona outros critérios do que apenas apresentar uma definição.

Contudo os reflexos da revolução instaurada repercutia no presente, por meio da construção das bases socialistas, para que o futuro pertencesse definitivamente ao comunismo. Ideias frisadas no *El socialismo y el hombre en Cuba*:

Creo que lo más sencillo es reconocer su cualidad de no hecho, de producto no acabado. Las taras del pasado se trasladan al presente en la conciencia individual y hay que hacer un trabajo continuo para erradicarlas. El proceso es doble, por un lado actúa la sociedad con su educación directa e indirecta, por otro, el individuo se somete a un proceso consciente de autoeducación. La nueva sociedad en formación tiene que competir muy duramente con el pasado (GUEVARA, 1965, p.3).

Em que considerava necessário a conscientização dos homens acerca de suas “necessidades”, com a consolidação de uma consciência única, promovida inicialmente pela vanguarda revolucionária, observado por Guevara com orgulho em que se nomeava integrante. mas não contentava-se que ocorre um movimento que encabeçasse a revolução sem haver aqueles que buscasse a permanência, nesse caso, o melhor era obter o apoio da juventude (comunista) e conquistá-la de que o passado foi revertido por homens de ação e que o futuro a

eles pertenciam. Tais critérios eram reflexos do que propôs Guevara, com ressalvas a vanguarda libertadora que privilegiava as causas que lutaram os guerrilheiros e as ações realizadas. Portanto Cuba era um ideal a ser atingido em outras localidades nos dizeres de Guevara.

No guerrilheiro evidenciava a ação, com capacidade de articular seu comportamento através da mente, cuja força são as táticas, logo, também a utilização das armas, como meio de se impor através da força com a promoção da violência. No entanto, o guerrilheiro não age simplesmente conforme sua intenção, mas existe um comando que o sobrepõe, Guevara foi um dos comandantes responsável por ditar como deveriam agir tais agentes.

Em Arlette Farge a violência, nos dizeres de “como se fabrica um homem violento ou dócil, com o discurso sobre a violência fabrica sujeitos resistentes ou conscientes e como sua reinterpretação pode trazer novos acontecimento que o abriga a adotar um outro rosto” (2011, p. 28). Portanto a violência é capaz de transformar e destruir, destituir governos ou através dos discursos dispõe de argumentos, convencendo da necessidade de provocar as mudanças para o “bem maior”.

O que queremos dizer com violência e que essa pode legitimar o poder, fundamentada em uma relação de luta, como a guerrilha pode ser compreendida, em que uma força é exercida sobre a outra, com o declínio de uma governo para promoção de outro. Mas estaríamos nos restringindo se não considerarmos que a violência provém de um cotidiano que é construído para legitimar o que no passado foi aclamado por determinado grupo. No entanto se repararmos não é preciso viver uma mudança de estrutura política ou uma tomada do poder por guerrilheiro para que os fragmentos da violência seja exercido na realidade, mas isso não deve remeter para uma normalidade. Assim queremos dizer que violência pode ser exercida de agente para agente, ou para com a sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse procuramos ressaltar alguns pontos que puderam ser analisados a partir do pensamento de Ernesto Guevara, em que o ponto norteador incidiu nas questões ideológicas. Por conseguinte podemos considerar que ideologia esteve atrelada a conquista e ao poder, embora possam ser tratados especificadamente, mas que no caso é possível serem evidenciados através das considerações de

Guevara, observando que a questão que nos orientava para construção das idéias se constituíram na defesa do socialismo que realizava Guevara, evidenciando-o como perspectiva para o futuro, que em suas considerações parecia estar próximo, para isso bastava acreditar e trabalhar para sua existência.

Sendo possível também compreender em Guevara uma relação que se fundamentava na diferença entre o povo e os membros do Estado ou do combatente e os líderes das colunas, em que acreditava que deveria vigorar um governo em prol de todos. A respeito disso se evidenciava como membro deste governo, enquanto um dos homens de vanguarda, responsável por abrir caminho para juventude comunista. Definindo como se constituiria o homem novo juntamente com a sociedade nova, com atuação dos jovens comunistas para realizar o trabalho voluntário e ação dos guerrilheiros com a expansão da revolução.

Dessa forma podemos dizer que Guevara é compreendido como o que impulsiona os homens para ação, visando provocar os que estavam “adormecidos” ou concordantes com as condições que vivenciavam. Mas tais pontuações não vinham de um agente que concordava com a exploração do homem por outro homem, ao contrário, questionava. Das suas inquietudes nascia o desejo pela mudança se apoiando no “exemplo” da Revolução Cubana, logo acreditava na superação do capitalismo através das forças socialistas, que após instituir-se no poder estatal se pautaria em uma planificação.

Com o sentimento de indignação de que permanecer estagnado perante os problemas é concordar com sua continuidade, para desprender desses fatores acreditava na existência da revolução como uma das formas de oposição, que não comungava das perspectivas pacíficas, como poderia sugerir as reformas. Mas para isso o combatente deveria ser capaz de se dedicar ao máximo. Visto que no campo das ideologias o marxismo apareceu no pensamento de Guevara de modo vigoroso e constante, tendo na perspectiva socialista as definições para a política, economia, para a vivência social e para a realidade de outros países, pois se tratava da defesa de um socialismo tricontinental.

Todavia devemos assinalar que Ernesto Guevara foi um dentre os homens que viveram no século XX. Assim não é plausível que engessemos este período em Guevara, pois, as correntes de pensamento existente no passado, não foram apenas o marxismo, os ideais não foram únicos, nem os objetivos os mesmos, mas repercutem por outras dimensões, na condição de homem que desejou, decepcionou e sonhou a partir do que considerava melhor, repercutindo entre as gerações seguinte, conforme assinalou Löwy e Besancenot de herança guevarista.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANSART, Pierre. **Ideologia, conflito e poder**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

_____. **História e memória dos ressentimentos**. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia. Memória e (res)sentimento indagações sobre uma questão sensível. Campinas: Unicamp, 2001, p. 15 – 36.

BESANCENOT, Olivier; LÖWY, Michael. **Che Guevara uma chama que continua ardendo**. São Paulo: UNESP, 2009.

CASTAÑEDA, Jorge. **Che Guevara a vida em vermelho**. 2. ed, São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

FARGE, Arlette. **Lugares para a história**. Belo Horizonte: Auiêntica Editora, 2011, p. 25 – 39.

HANNAH, Arendt. **O significado da revolução**. In: Da revolução. UnB. p. 17 – 46.

GUEVARA, Ernesto. **Textos Econômicos**. 3. ed, São paulo: Global, 2009.

_____. **Textos Políticos**. 4. ed, São Paulo: Global, 2009.

_____. **Textos Revolucionários**. 4. ed, São Paulo: Global, 2009.

SADER, Eder. **Che Guevara – política**. São Paulo: Expressão popular, 2004.

SADER, Emir. **A revolução cubana**. 6. ed, São Paulo: Brasil Urgente, 1992.

SEÑAS: **Diccionario para la enseñanza de la lengua española para brasileños**. 3°. ed, São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. **Filosofia da praxis**. 2. ed, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

DOCUMENTOS ELETRÔNICOS

GUEVARA, Ernesto. **Ché pasajes de la lucha revolucionaria en el Congo**. Disponíveis em: <http://www.archivochile.com>. Acesso: 10/11/ 2011.

_____. **Cuba: ¿excepción histórica o vanguardia en la lucha contra el colonialismo? (1960).** Disponíveis em: <http://www.archivochile.com>. Acesso: 10/11/ 2011.

_____. **El Socialismo y El hombre en Cuba (1965).** Disponíveis em: <http://www.archivochile.com>. Acesso: 10/11/2011.

_____. **Guerra y población campesina (1959).** Disponíveis em: <http://www.archivochile.com>. Acesso: 11/04/2011.

_____. **Mensaje del Che Guevara a los pueblos del mundo a través de la tricontinental (1967).** Disponíveis em: <http://www.archivochile.com>. Acesso: 04/ 11/ 2011.

_____. **Notas para el estudio de la ideología de la Revolución Cubana (1960).** Disponíveis em: <http://www.archivochile.com>. Acesso: 18/08/2012.

_____. **Que debe ser un joven comunista? (1962).** Disponíveis em: <http://www.archivochile.com>. Acesso: 10/11/2011.

_____. **¿Qué es un «guerrillero?» (1959).** Disponíveis em: <http://www.archivochile.com>. Acesso: 11/04/2011.

Anais do IV SRH